



Licenciatura em Espanhol

Libras

Laralis Nunes de Sousa Oliveira

Gisele Oliveira da Silva

História da Educação de Surdos

Aula 01



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
ALOIZIO MERCADANTE

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenadora do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

LIBRAS

Aula 04

Parâmetros das Línguas de Sinais

Professor Pesquisador/conteudista
LARALIS NUNES DE SOUSA OLIVEIRA
GISELE OLIVEIRA DA SILVA

Diretor da Produção de Material
Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
ROSEMARY PESSOA BORGES

Revisão Linguística
HILANETE PORPINO DE PAIVA

Coordenação de Design Gráfico
LEONARDO DOS SANTOS FEITOZA

Diagramação
GEÓRGIO NASCIMENTO

Imagens
VITOR HONÓRIO

048l Oliveira, Laralis Nunes de Sousa.

Libras / Laralis Nunes de Sousa Oliveira, Gisele Oliveira da Silva.
– Natal : IFRN, 2014.
5 v. : il. color.

ISBN 978-85-8333-056-1

1. Língua espanhola – Estudo e ensino. 2. Libras – Estudo e ensino. 3. Educação de surdos. 4. Língua de sinais. I. Silva, Gisele Oliveira da. II. Título.

CDU 811.134.2

Apresentação e Objetivos

Estimado discente,

Bem-vindo à disciplina da terceira língua que envolve seu curso: Libras! Ao lado da Língua Portuguesa, a Língua Brasileira de Sinais figurará em sua prática docente como língua de instrução nas aulas de Língua Espanhola que você ministrará no exercício da docência.

Esse componente curricular apresenta uma particularidade: envolve teoria e prática. Isso demandará de nós uma dinâmica diferenciada. Teremos quatro cadernos voltados para questões de ordem teórica e quatro videoaulas voltadas para questões de ordem prática, todas relacionadas à Libras e ao sujeito surdo.

Os cadernos que tratarão de aspectos teóricos abordarão os seguintes temas:

1. Aspectos históricos da educação dos surdos;
2. Filosofias educacionais e legislação da Educação de Surdos;
3. Atualidade da educação de surdos no Brasil;
4. Aspectos sociais e culturais da Libras;
5. Aspectos linguísticos da Libras.

As videoaulas, por sua vez, trarão principalmente temas práticos ligados à Libras. Por estarmos lidando com uma língua espaço-visual, parece-nos acertado lançar mão dos recursos de vídeo para nos fazermos entender.

Neste primeiro caderno de aula, narraremos e discutiremos, de forma breve, os principais percursos históricos da Educação dos Surdos até os dias atuais por meio de um texto claro e de atividades significativas.

Os objetivos desta aula são:

- Tomar ciência dos acontecimentos de maior relevância na história dos surdos e de sua educação;

- Compreender criticamente os fatos estudados, estabelecendo relações com o contexto histórico geral da época em que ocorreram;
- Refletir sobre as repercussões que os eventos passados tiveram na constituição do atual quadro da Educação de Surdos no Brasil.

Bons estudos!



Para Começar

Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-8pJfw88mtU/UM9saIP-g-I/AAAAAAAAAB58/mT3pzkwGxk/s1600/janus9.jpg>



Fig. 01 - Janus.

Há um personagem na mitologia romana cuja história parece ser propícia de ser resgatada na introdução de nossa primeira aula. Seu nome é Jano (ou Janus), porteiro celestial e guardião de todo começo.

O que nos chama a atenção nas representações de Jano é o fato de ele ter duas faces, uma olhando em direção oposta à da outra, o que lhe permitia guardar, a um só tempo, as duas entradas dos portões do céu.

O tema deste caderno da disciplina de Libras é *Aspectos históricos da educação dos surdos*, e a lição que o perfil de Jano nos dá nesta aula inaugural é dupla, assim como seus rostos: a projeção do futuro não deve prescindir o olhar para o passado.

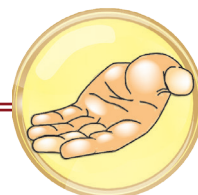
Na disciplina de Educação Inclusiva, provavelmente vocês perceberam que o Brasil está passando por uma reconfiguração educacional, respaldada pela Política Nacional de Educação Especial sob a Perspectiva da Educação Inclusiva, oficialmente lançada no ano de 2008. Os horizontes vislumbrados por esse modo de encarar a educação especial ainda estão por serem alcançados, e larga parte deles ainda estão por serem erigidos por nós, agentes diretos da educação.

Nesse movimento de busca e construção de uma escola sólida, com bases sedimentadas, é sensato que não apenas nos atenhamos ao objetivo futuro, mas que voltemos nossos olhos para o passado e aprendamos com ele. Uma face para o futuro e uma face para o passado: eis a dupla mensagem de Jano que perpassará a nossa disciplina.

Com fins didáticos, como já dito em seção anterior, segmentamos esta disciplina em quatro temas. O assunto de hoje solicita que voltemos nossos rostos ao passado, à História da Educação dos Surdos, a fim de compreendermos criticamente o hoje e projetarmos o futuro.

Vamos lá?

Assim é



"Jeito surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar, de transformar o mundo e torná-lo habitável."

Gladis Perlin

O SUJEITO SURDO FRENTE À SUA HISTÓRIA

Quando ouvimos a palavra surdez, geralmente associamos a alguém que não é capaz de ouvir e, conseqüentemente, de falar. Em primeiro lugar, é pertinente que nos debrucemos sobre os principais aspectos que perpassam o conceito de surdez que, como qualquer outro conceito, passou por transformações históricas.

Na verdade, estamos atravessando um momento de redefinição desse conceito (BEHARES, 2000) e, historicamente, sabe-se que a tradição médico-terapêutica vem influenciando há tempos a definição da surdez a partir do déficit auditivo e da classificação da surdez (leve, profunda, congênita, pré-linguística etc.), mas deixou de incluir a experiência da surdez e de considerar os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa surda se desenvolve (SÁ, 2006).

Sá (2006) define "surdo" como uma pessoa que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade calcada principalmente nessa diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem.

A Língua de Sinais e sua História na Educação de Surdos

Os surdos nascidos no Brasil possuem como primeira língua a Libras (Língua Brasileira de Sinais), que difere das línguas orais por sua modalidade viso- espacial.

No Brasil, a comunidade surda comemorou, no dia 24 de abril de 2002, o reconhecimento de sua língua como meio legal de comunicação e expressão, oficializado por meio da Lei nº 10.436. Contudo, mesmo sendo legítima língua oficial do Brasil, a Libras permanece marginalizada e pouco difundida em nossa sociedade. O preconceito com relação às línguas sinais parece advir da demora para que se tornassem alvos de estudos mais aprofundados, o que vem ocorrendo há apenas 50 anos, diferentemente das línguas orais, que têm sido estudadas há mais de cinco mil anos (PINHEIRO, 2002).

Não raro, a história do surdo é comparada a um calvário, à medida que a sociedade sempre se referiu a ele apenas pela deficiência auditiva, lhe atribuindo a incapacidade de apreender, de se socializar, de viver em sociedade. A história comum dos Surdos é uma história que enfatiza a caridade, o sacrifício e a dedicação necessários para vencer “grandes adversidades” (SÁ, 2006).

Conhecer essa história é refletirmos e questionarmos diversos acontecimentos relacionados à educação em várias épocas, pois a vida social dos surdos sempre esteve intrinsecamente ligada às decisões tomadas no âmbito da educação geral.

A História da Educação de Surdos não é uma história difícil de ser analisada e compreendida. Ela evolui continuamente. Apesar de vários impactos marcantes, vivemos momentos históricos caracterizados por mudanças, turbulências e crises, mas também de surgimento de oportunidades (STROBEL; PERLIN, 2006).

A história reveladora do lugar ocupado pelo surdo

Na antiguidade, mais especificamente na Grécia, as pessoas que nasciam surdas também eram indiscutivelmente consideradas mudas, incapazes, portanto, de emitirem nenhuma palavra. Segundo Aristóteles, por lhes faltarem um sentido, seria impossível aos surdos alcançarem a consciência humana. Esse pensamento permaneceu por muitos séculos, sendo esses sujeitos colocados em condição muito inferior à dos demais.

Em Roma, nos primeiros anos de nossa era, os surdos necessitavam de um curador, pois não podiam exercer a cidadania, já que não possuíam direitos legais. Para a igreja Católica, eram criaturas castigadas por Deus e sem alma, não tendo, assim, direito à vida eterna, uma vez que não poderiam professar o sacramento da Santa Igreja Católica.

No Império Romano, o imperador Justiniano fez a separação entre surdez e mudez. Ele ordenava que as pessoas surdas e mudas fossem proibidas de fazer testamento, tampouco de receber herança. Em apenas alguns casos, como quando o surdo tivesse perdido a audição após ter recebido a educação formal, poderia ter seus direitos preservados.



De acordo com os registros históricos, foi somente no século XVI que surgiu a primeira possibilidade de educação em língua de sinais e língua oral para os surdos.



Disponível em: <http://www-history.mcs-st-and.ac.uk/BigPictures/Cardan_4.jpeg>



Fig. 02 - Girolamo Cardano.

Já no século XVI, o médico Girolamo Cardano, através da convivência com seu filho que era surdo desenvolveu estudos sobre o ouvido, nariz e cérebro e propôs que os surdos deveriam ser ensinados, sobretudo a ler e a escrever, pois a escrita equivaleria à fala e a leitura equivaleria à audição.

Ainda nesse mesmo século, Pedro Ponce de Leon, monge beneditino nascido na Espanha, tinha a tarefa de ensinar crianças surdas filhas de nobres a ler, a escrever, a confessar entre outras tarefas

e para que pudessem ter seus direitos resguardados. Ainda hoje, não se sabe muito sobre os métodos utilizados pelo monge, apenas que utilizava algo parecido com o nosso alfabeto manual, em que cada configuração de mão correspondia a uma letra do alfabeto latino.



Fig. 03 - Pedro Ponce de Leon.

Disponível em: <http://teamhearing.org/blogs/wp-content/uploads/2012/05/pedro-ponce-de-leon.jpg>

Fique atento!

Ponce de Leon é considerado o primeiro professor de Surdo da história e o precursor do Oralismo.



No século XVI, emergem algumas teorias sobre a linguagem e a fala dos surdos. Wallis, considerado o precursor do método escrito, utilizava o alfabeto manual em suas aulas associado à escrita e à pronúncia de palavras em inglês. Willian Holder concentrava seu trabalho no ensino da fala.

No século que se segue, George Dalgarno declara que os surdos tinham sua

cognição preservada e que possuíam o mesmo potencial que qualquer outra pessoa, mas que, para utilizá-lo, seria necessário que recebessem educação adequada.

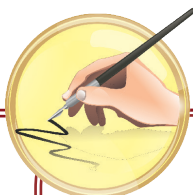
No século XVII, mais especificamente em 1620, o também espanhol Juan Pablo Bonet publicou um livro que tratava sobre a invenção do alfabeto manual. Com intuito de ensinar a qualquer custo os surdos a falarem, Bonet criou uma língua de couro e a utilizava para mostrar a posição e o movimento da língua no momento da fala. Além de sua invenção, ele também contava com a leitura labial e manipulava os órgãos fonoarticulatórios como forma de ensinar o surdo a articular palavras.



Fig. 04 Juan Pablo Bonet.

Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/_Oj8P4y-Mz0/TU7cnOImRYI/AAAAAAAAAAD4/aWvix_avis/s1600/viejo.jpg

Anos mais tarde, o britânico John Buwer lança o primeiro livro em inglês sobre a língua de sinais e, tempos depois, em seu segundo livro, propõe que as línguas de sinais têm o mesmo valor que as línguas orais.



Mãos à obra

Vejam vocês! Quanta opinião diferente sobre os surdos ao longo dos séculos, não é mesmo? Agora, faça uma breve reflexão sobre como você tem visto o aluno surdo no atual processo de inclusão. Na sua opinião, houve mudanças significativas?



Assim é

Por volta do século XVII, principalmente na Europa, houve um aumento significativo do interesse pela educação dos surdos. O alemão Wilhelm Kelger, por exemplo, fez defesa de que os surdos fossem ensinados. Durante suas aulas, usava a escrita, a fala, os gestos, todos de forma simultânea, associada a palavras.

Na Alemanha, houve uma figura muito conhecida entre os pedagogos daquela época: Samuel Heinicke. Ele propôs uma metodologia para a educação dos surdos, que mais tarde ficaria conhecida como oralismo ou método oral. Por ter passado por inúmeras dificuldades, preferiu não compartilhar suas técnicas com ninguém. Ele fundou a primeira escola pública para surdos da Alemanha, onde foi implementado o método oral. Segundo ele, a educação dos surdos só seria possível se eles verdadeiramente conseguissem se inserir na sociedade ouvinte, e isso só seria possível por meio do desenvolvimento da fala.



Fig. 05 - Samuel Heinicke.

Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e6/Samuel_Heinicke.jpg

Disponível em: http://imgc.artprintimages.com/images/art-print/charles-michel-de-l-epée-1712-1789-abbe-fondateur-de-l-institution-des-sourds-muets_i-g-50-5004-8RL6G00Z.jpg



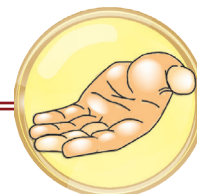
Fig. 06 - Charles Michael de L'Épée.

Contemporaneamente a Heinicke, o abade Charles Michael de L'Épée começou ensinar duas irmãs surdas na França. Ele ensinou as meninas a falarem e a escreverem. Andando pelas ruas de Paris, o abade priorizava o atendimento dos surdos com o objetivo de ensiná-los. Criou os sinais metódicos para poder se comunicar com os surdos e instruí-los, mas considerava essa metodologia incompleta. Ele foi o primeiro a considerar que a forma como os surdos de Paris se comunicavam poderia ser creditada. Seu sucesso foi tão grande que ele ficou mundialmente conhecido e pôde fundar a primeira escola pública para surdos em Paris.



Os sinais metódicos consistem da combinação da Língua de Sinais com a gramática sinalizada francesa (GOLDFELD, 2002).

Assim é



Já após a morte de L'Épée, um dos surdos da terceira geração da Escola Pública para Surdos de Paris, Laurent Clerc, aporta nos Estados Unidos a convite de Thomas Gallaudet em 1816. Um ano mais tarde, ambos fundariam o Asylum for the Deaf, em Hartford. Mais de um século depois, essa ação inicial culminaria na criação na Gallaudet University, uma universidade em que a primeira língua de instrução é a Língua de Sinais Americana (American Sign Language), que existe ainda hoje.

Disponível em: <http://www.gallaudet.edu/images/clerc/oldclerc.jpg>

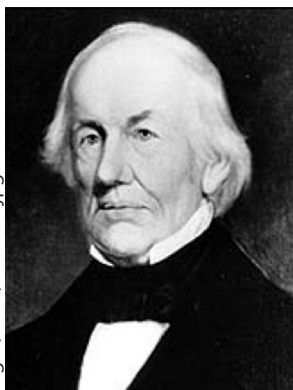


Fig. 07 - Laurent Clerc.

Ainda no século XIX, um outro fruto do método do abade L'Épée, Hernest Huet, veio para Brasil a convite do Imperador Dom Pedro II para fundar a primeira escola para meninos surdos do país. Criada em 1857, a instituição ficou conhecida nacionalmente como Imperial Instituto de Surdos Mudos. Séculos mais tarde, a escola se tornou o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, mantido pelo Governo Federal e que recebe crianças, adolescentes e adultos surdos de todo o Brasil.

Esse período foi muito rico para os surdos. Após o I Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos, eles passaram a ter direitos



Fig. 08 - Hernest Huet.

Disponível em: <http://isordosm.files.wordpress.com/2008/07/edurad-huet.gif?w=500>

e deveres. Essa edição do evento fez defesa dos sinais para a comunicação das crianças e deu aos surdos a possibilidade de assinarem documentos. Embora a ótica assistencialista ainda fosse bastante forte, o caminho trilhado parecia encaminhar os surdos para um futuro cada vez mais exitoso e justo, rumo à autonomia e ao reconhecimento de sua condição de ser humano capaz. Era “La primavera del gesto”, como pontua Sánchez (1990). De acordo com esse autor:

En las primeras décadas del siglo [XIX], el método francés tomó la delantera y logró conquistas muy significativas, que se tradujeron no sólo en la aceptación de sus propuestas por parte de un gran número de educadores, sino en importantes cambios en las comunidades de sordos y en sus relaciones con los oyentes (SÁNCHEZ, 1990, p. 54).

A respeito dessa época, Sacks (2010) afirma:

Esse período que agora se afigura como uma espécie de era dourada na história dos surdos marcou o rápido estabelecimento de escolas para surdos, geralmente mantidas por professores surdos, em todo o mundo civilizado, a emergência dos surdos da obscuridade e da negligência, sua emancipação e aquisição de cidadania e seu rápido surgimento em posições de importância e responsabilidade - escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos, antes inconcebíveis, subitamente eram possíveis (SACKS, 2010, p. 30-31).

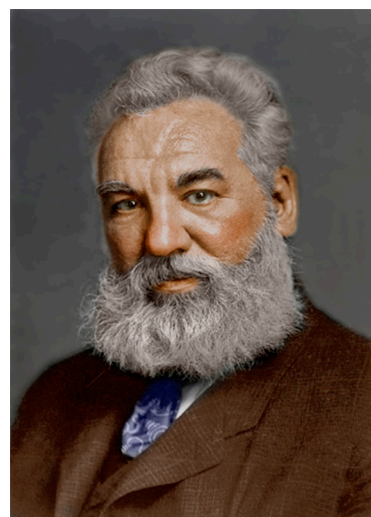
Contudo, um evento pontual conseguiu alterar o gratificante trajeto que vinha sendo traçado, levando os surdos a atravessarem uma das etapas mais sombrias e silenciosas de sua história.

O percurso é alterado

Em meio a tantos impedimentos colocados no trajeto de reconhecimento e participação social dos surdos, a realização do II Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos, realizado em Milão, no ano de 1880, configurou-se como um triste marco histórico.

Tal Congresso teve vários objetivos, mas o principal foi a análise e escolha de um método que fosse eficaz para a educação do surdo. Os temas propostos, na ocasião, disseram respeito às vantagens e desvantagens do internato, tempo de instrução, trabalhos mais apropriados aos surdos, quantidade de alunos por classe, medidas de cunho curativo e preventivo, enfermidades etc. Embora os temas fossem variados, as discussões estiveram primordialmente voltadas o embate entre o oralismo e língua de sinais (BORNE, 2002).

No dia 11 de setembro de 1880, no referido Congresso, houve uma votação contra o uso da língua de sinais na educação dos surdos. Os participantes, em sua maioria votaram por aclamação a aprovação do uso exclusivo dos métodos orais. A partir daí, a língua de sinais foi proibida oficialmente, calcada na alegação de que a mesma destruía a habilidade da oralização dos sujeitos surdos (STROBEL; PERLIN, 2006). Ressalte-se, ainda, que o Congresso foi organizado e patrocinado por professores defensores do oralismo puro, no qual, Alexander Graham Bell teve grande influência em defesa da modalidade oralista. Após o Congresso, muitos países adotaram o método oralista abolindo de vez o uso da Língua de Sinais no contexto educativo, o que levou o povo surdo iniciar um longo e árduo processo em defesa da sua língua.



Disponível em: <http://www.waydn.com/wp-content/uploads/alexander-graham-bell.jpg>

Fig. 09 - Alexander Graham Bell.



Você sabia?

Oralismo puro ainda é usado como método por algumas instituições que atendem crianças surdas. Essa metodologia usa o treinamento de fala, leitura labial, e outros. Este recurso é usado dentro das metodologias orais, entre elas, o 'verbotonal', 'oral modelo' 'materno reflexivo', 'perdoncini' entre outros (STROBEL, PERLIN, 2008, p. 19).



Assim é

Houve momentos, antes do Congresso de 1880, em que a Língua de Sinais era mais valorizada. Na época, os povos surdos não tinham problemas com a educação, a maioria dos sujeitos surdos dominava a arte da escrita e há evidências de que havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos e outros sujeitos surdos bem sucedidos. Aconteceu uma crise séria entre a cultura surda e a educação, pois ao percorrer a trajetória histórica do povo surdo e suas diferentes representações sociais vemos os domínios do **ouvintismo** relativos a qualquer situação relacionada à vida social e educacional desses sujeitos.

A educação dos surdos após a escolha desse método apresentou vários fracassos. A votação a favor do oralismo puro no Congresso de Milão causou um enorme sofrimento para o povo surdo. A proibição do uso das línguas de sinais perdurou por mais de 100 anos; mas, mesmo assim os surdos conseguiram manter vivo o desejo de ter livre e reconhecida a sua língua natural.

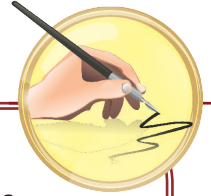
Retomada dos sinais

No final da década de 1950, um jovem linguista, William Stokoe, adentrou a Gallaudet University na condição de professor de Literatura. Naquele ambiente, ele se deu conta de que estava imerso em um campo de pesquisa fascinante. Em 1960, ele publica o livro "Estrutura da Língua de Sinais" (*Sign Language Structure*) e, a partir de então, começa-se a considerar a possibilidade de a forma natural de comunicação dos surdos ser, de fato, uma língua.

A partir de então, o uso dos sinais em conjunto com a língua oral (lembrando os Sinais Metódicos de L'Épée) é retomado no âmbito escolar dos surdos. Na década de 1970, esse método ganha força, em alguns casos incorporando outros recursos comunicacionais (figuras, leitura labial, escrita etc.). Surge a Comunicação Total, que anos mais tarde passará a ser considerada, assim como o Oralismo, uma filosofia da Educação de Surdos.

A década de 1980, por sua vez, foi marcada pelo rompimento da comunidade surda com as práticas da Comunicação Total que, segundo eles, subjugava a Língua de Sinais, completa em si mesma, ao sistema da Língua Oral. Passa-se, então, a considerar que as línguas devem ser usadas separadamente, e não de forma complementar. Aí estariam as raízes do Bilinguismo, a terceira filosofia da educação de surdos, que, juntamente com o Oralismo e com a Comunicação Total, será abordada no nosso próximo caderno.

Mãos à obra



Após a leitura do texto, faça um levantamento cronológico dos principais educadores que contribuíram para a efetiva educação dos surdos no mundo e no Brasil. Na sua opinião, quais os personagens mais relevantes desse processo?

Assim é



História da Educação de Surdos no Brasil

No Brasil, conforme já explicitado, o início oficial da educação de Surdos teve apoio do então Imperador Dom Pedro II. De acordo com Goldfeld (2002), o professor surdo Hernet Huet veio da França com a missão de ensinar duas crianças surdas. Temos, portanto, esse registro como o início do ensino formal para surdos em nosso país.

O primeiro instituto para surdos em terras brasileiras foi criado no ano de 1857, mais precisamente no dia 26 de setembro. Graças aos esforços de Hernet Huet, foi fundado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Nessa época, o INES já utilizava a Língua de Sinais como forma de ensino para seus alunos.

Após dois anos, por problemas pessoais, o professor Huet teve de voltar ao seu país de origem. Seu sucessor no instituto foi Dr. Manoel de Magalhães Couto. O então diretor acabou por transformar o espaço em apenas um asilo para surdos e, após uma inspeção do governo, foi nomeado um outro diretor.



Fig. 10 - Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Disponível em: <http://www.memoriadainclusao.sp.gov.br/br/img/audifitvo34.jpg>

O link que segue o conduzirá ao site do INES:

<http://www.ines.gov.br/default.aspx>



Assim é

Segundo Balbuena (2010), o Brasil sofria grande influência da Europa e com o acontecimento do Congresso de Milão, o modelo oralista foi fortemente copiado e introduzido nas práticas escolares com os alunos surdos.

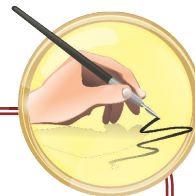
Uma metodologia própria de ensino aos surdos iniciou-se tardiamente, provavelmente devido ao descaso das autoridades que não consideravam as necessidades nacionais. Assim, a Educação de Surdos no Brasil acabou por seguir os moldes oralistas, o que nos trouxe consequências trágicas.

Após o Congresso ter decretado que o Oralismo seria a melhor metodologia a ser utilizada na educação dos surdos, o INES passou a seguir essa tendência mundial e, em 1911, o adota em suas práticas. Mesmo diante de tal cenário, os surdos resistiram a essa imposição e continuaram usando a Língua de Sinais até o ano de 1957. Após essa data, a proibição tornou-se oficial e a Língua de Sinais foi terminantemente proibida em sala de aula.

Vocês acreditam que os surdos realmente aceitaram essa proibição? Mesmo com toda a vigilância, eles insistiram e usavam a Língua de Sinais durante os intervalos, nos corredores e pátios.

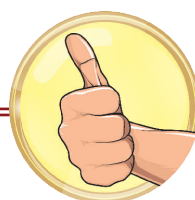
No fim da década de 1970, a Comunicação Total chega ao Brasil e o cenário começa a se reconfigurar. O Bilinguismo emerge em terras tupiniquins a partir da década de 1980, com as pesquisas de Lucinda Ferreira-Brito. Hoje, embora toda a legislação brasileira referente à educação de surdos se respalde na filosofia bilíngue, percebe-se que, na prática, as três filosofias educacionais convivem (nem sempre pacificamente) nas escolas de nosso país.

Mãos à obra



Você pode observar ao longo do texto, que o sujeito surdo ocupou vários lugares de acordo com a época e a sociedade vigente. Por isso, gostaríamos que você respondesse ao seguinte questionamento: como os surdos eram tratados da sociedade antiga? Faça uma pesquisa em outros materiais, como livros, sítios científicos e no próprio material. Depois conversem com seus colegas de curso e compartilhem os resultados. Vamos lá!

Já sei!



Nesta aula, foi possível conhecer o contexto histórico da educação dos surdos, bem como tomar ciência dos acontecimentos de maior relevância para a Comunidade Surda no Mundo e no Brasil. Para isso, foram apresentados os principais nomes das personalidades que fizeram parte do referido processo histórico. Além disso, refletimos sobre questões relacionadas às filosofias adotadas na educação dos surdos.

Autoavaliação



Após a leitura desta aula, elabore uma "Linha do Tempo" da educação dos surdos com os principais fatos históricos de sua jornada.



BALBUENO, Valdir. **Língua de sinais brasileira: libras II** (Apostila do curso de Especialização em Libras promovido pela Sociesc) São Paulo: Know, 2010.

BEHARES. L. E. **Implicações neuropsicológicas dos recentes descobrimentos na aquisição de linguagem pela criança surda**. São Paulo: TEC. Art, 2000.

BORNE, Roseclélia Maria Malucelli. **Representações dos surdos em relação à surdez e implicações na interação social**. (Dissertação de Mestrado da UTP, Universidade Tuiuti do Paraná). Curitiba: 2002.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 6. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

PINHEIRO, Lucineide Machado. **Língua de sinais brasileira: libras I** (Livro curso de Especialização em Libras promovido pela Sociesc). São Paulo: Know, 2010.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

_____; PERLIN, G. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2006.

SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SÁNCHEZ, Carlos M. **La increíble y triste historia de la sordera**. Caracas/ Venezuela: CEPROSORD, 1990.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://4.bp.blogspot.com/-8pJfw88mtU/UM9saiP-g-I/AAAAAAAAAB58/mT3pzkwnGXk/s1600/janus9.jpg>

Fig. 02 - http://www-history.mcs.st-and.ac.uk/BigPictures/Cardan_4.jpeg

Fig. 03 - <http://teamhearing.org/blogs/wp-content/uploads/2012/05/pedro-ponce-de-leon.jpg>

Fig. 04 - http://3.bp.blogspot.com/_Olj8P4y-Mz0/TU7cnOImRYI/AAAAAAAAAAD4/aWVlrX_avls/s1600/viejo.jpg

Fig. 05 - http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e6/Samuel_Heinicke.jpg

Fig. 06 - http://imgc.artprintimages.com/images/art-print/charles-michel-de-l-epee-1712-1789-abbe-fondateur-de-l-institution-des-sourds-muets_i-G-50-5004-8RL6G00Z.jpg

Fig. 07 - <http://www.gallaudet.edu/images/clerc/oldclerc.jpg>

Fig. 08 - <http://sordosm.files.wordpress.com/2008/07/edurad-huet.gif?w=500>

Fig. 09 - <http://www.waydn.com/wp-content/uploads/alexander-graham-bell.jpg>

Fig. 10 - <http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/br/img/auditivo34.jpg>